

TIKUEIN XETÁ: ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS¹

Lilianny Rodriguez Barreto dos Passos (PPGA/UFPR)

Palavras-chave: povo Xetá, memória, afeto.

Os índios da Serra dos Dourados

No final da década de 1940, como política econômica oficial, o Estado paranaense intensificou a concessão de terras ao capital privado, beneficiando proprietários particulares e companhias colonizadoras² interessadas em desenvolver a produção agrícola nas regiões oeste e noroeste. Desse modo, a invasão de colonos e empresas sobre as margens do rio Ivaí, território historicamente ocupado por povos indígenas – Tupi-Guarani e Jê³, cresceu sistematicamente.

Nesse contexto, notícias sobre a presença de *índios selvagens* na floresta conhecida como Serra dos Dourados circulavam constantemente entre agrimensores, mateiros⁴, colonizadores e servidores do Estado⁵. Comunicada, a 7ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios (IR/SPI), localizada em Curitiba, organizou viagens de seus servidores a região entre os anos de 1948 e 1952 no intuito de contatá-los no interior da floresta. As investidas não tiveram êxito, porém, vestígios da presença indígena, tais como acampamentos, mundéus, armadilhas, artefatos e fogueiras foram encontrados em diferentes pontos da floresta.

No entanto, o discurso do SPI considerava “inverossímil a presença de *índios selvagens* na região” (FERNANDES, 1958, p. 29). Discurso esse apropriado pelo

¹“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

² Sociedade Colonizadora do Paraná Ltda, Companhia Colonizadora Suemitsu Miyamura & Cia Ltda e Companhia Colonizadora de Imigração e Colonização (COBRIMCO).

³ Desde a metade do século XIX, colonizadores, viajantes e pesquisadores registram a presença e o contato com grupos indígenas, Guarani e Kaingang, nas margens do Rio Ivaí. Entre eles podemos citar Antônio Pereira Borges e Francisco da Rocha Loures (1840), Joaquim Francisco Lopes e John H. Elliot (1845) e Thomas Bigg-Whiter (1873), Telêmaco Borba (1899) e Albert Fric (1907) (MOTA, 2013).

⁴ Trabalhadores que faziam a medição e divisão das terras doadas às companhias colonizadoras.

⁵ Servidores do Departamento de Geografia, Terras e Colonização (DGTC), órgão estadual destinado a administrar, disciplinar e promover a política de distribuição de terras na referida região, consideradas oficialmente pelo Estado Paranaense como *devolutas*. Orientados pelo discurso da *ideologia do vazio demográfico* (MOTA, 1998) os órgãos lotearam, dividiram e concederam vantagens econômicas no processo de aquisição de terras, tanto para particulares como companhias colonizadoras, nacionais e estrangeiras, atraindo desse modo, investidores e abundante de mão-de-obra para a região.

Estado que negou a presença dos *índios*, visto que esses sujeitos eram considerados entrave ao seu projeto desenvolvimentista.

Contudo, três encontros redimensionaram os discursos e a políticas indigenistas nesse período. Respectivamente em 1952 e 1953 dois meninos, Kaiuá e Tuca, foram capturados por agrimensores na floresta e trazidos pelos servidores do SPI para Curitiba. Em 1954, um grupo familiar⁶ passou a realizar aproximações intermitentes com a Fazenda Santa Rosa⁷, implantada sobre seu território originário de subsistência (SILVA, 1998).

A partir de então, tal como ocorria em diferentes regiões do *sertão* brasileiro, o SPI adotou como estratégia de ação a organização de Expedições Científicas, visando atrair os *índios arredios*. Para tanto, a aliança com Instituições de produção de conhecimento científico foi primordial para a implantação de sua política indigenista. Desse modo, em 1954, ao ser noticiado a presença de *índios* na Fazenda Santa Rosa, a 7ª IR/SPI contactou o professor Loureiro Fernandes, catedrático das disciplinas de Antropologia e Etnografia do Brasil e Diretor do Instituto de Pesquisas (IP) da Universidade do Paraná (UPR). Juntas, as instituições organizaram Expedições Científicas à Serra dos Dourados entre os anos de 1955 e 1961, constituindo-se a partir desse momento uma importante aliança política-epistêmica caracterizada pela violência e pelo domínio das narrativas acerca dos *índios da Serra dos Dourados* (FABIAN, 2013).

Expedições Científicas: a formação de coleções etnográficas

Coordenadas pelo professor e antropólogo Loureiro Fernandes, participaram da equipe de pesquisa etnográfica: Ney Barreto, aluno do curso de Geografia da UPR; Vladimir Kozák⁸, fotógrafo e cinetécnico da UPR; Céstmir Loukotka (1958), linguista de nacionalidade tcheca; Aryon Dall'Igna Rodrigues (1960 e 1961), linguista e professor da disciplina de Língua Tupi-Guarani da UPR; Annette Laming-Emperaire

⁶Seis adultos se aproximaram da Fazenda: Iratxamëway (caçador de anta), Adjatukã (pai mais novo/irmão mais novo do pai), Eirakã (irara), Kuein Manhaai Naguakã (pássaro de inverno, nhaguakã = gato do mato), Nhangúá (onça) e Eirakã. (SILVA, 1998:02).

⁷De propriedade do deputado estadual Antônio Lustosa de Oliveira, localizada a 4 km do município de Douradina.

⁸Fotógrafo e cineasta de nacionalidade tcheca. Mudou-se para o Brasil em 1924, quando passou a produzir filmes e fotografar os povos indígenas de diferentes regiões (BENETTI, 2016).

(1960 e 1961), arqueóloga e pesquisadora do *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* da França. Além disso, Tuca e Kaiuá foram levados como guias no interior da floresta; Antônio Lustosa de Oliveira - deputado estadual e proprietário da Fazenda, como também Antônio Lustosa de Freitas, o administrador da propriedade, jornalistas, fotógrafos, botânicos, zoólogos, mateiros e agrimensores acompanharam as Expedições.

No interior da floresta encontraram inúmeros acampamentos com artefatos de material lítico arqueológico - pedras lascadas, polidas, seixos; etnológico - arcos, flechas, bordunas, cestaria, brincos, pilões, instrumentos cirúrgicos, machados de pedra, tembetás, bichinhos de cera de abelha, ossos de animais etc. Em duas Expedições, ocorridas em 1955 e 1956, a equipe encontrou grupos familiares no interior da floresta. Nessas ocasiões, realizaram anotações de campo, com dados sobre a organização social, linguística, de subsistência e ritual; executaram gravações magnetofônicas da língua, com mitos, narrativas e cantos, configurando um arquivo linguístico; Kozák efetuou registros fotográficos e filmagens em 16mm que constituem um acervo iconográfico. Realizaram também trabalho de pesquisa com os grupos familiares que frequentavam a Fazenda e, em todas essas ocasiões, a equipe coletou artefatos e produziu material etnográfico, com a finalidade de constituir coleções.

Os materiais e técnicas empregados na produção dos artefatos levaram Fernandes (1959, p. 29) a classificar os *índios da Serra dos Dourados* a partir de princípios evolucionistas. Dessa forma, ficaram conhecidos internacionalmente como povo primitivo, caçador-coletor, que vivia no estágio neolítico, concluindo Fernandes (1959) que até aquele momento não haviam estabelecido contato com a sociedade não-indígena. Em 1956, a partir de análises históricas, linguísticas e artefactual os pesquisadores os identificaram como pertencentes ao povo Xetá⁹, em referência aos Ššeta encontrados por Albert Fric em companhia dos Kaingang nas proximidades do Rio Ivaí (1910).

Boa parte dos artefatos coletados na floresta, bem como fotografias e filmes produzidos durante as Expedições Científicas foram incorporados, na época, à Coleção

⁹ No início do século XX, o cientista tcheco Albert Fric (1907) registrou a presença de três cativos entre os Kaingang e os denomina de *Ššeta*. A partir das descrições de Fric os pesquisadores identificaram uma proximidade linguística, artefactual e cultural, tais como o uso do adorno labial, do machado de pedra, a nudez e a vida nômade, entre os índios da Serra dos Dourados e os *Ššeta*. Foram essas semelhanças que levaram os pesquisadores a denomina-los de Xetá, em referência aos registros de Fric (1910). No entanto, diferenças significativas também foram observadas em relação à língua, à agricultura e ao uso do tabaco (LOUKOTKA, 1962).

Loureiro Fernandes, no Departamento de Antropologia (DEAN) da UPR. Entre 1955 e 1994, a coleção foi exibida nas galerias do Museu Didático, localizado nas estruturas do Departamento. Em 1994, toda a coleção foi transferida para o MAE/UFPR, onde se encontra atualmente ao lado da coleção arqueológica de Laming-Emperaire. Kozák também constituiu uma coleção etnográfica que além de artefatos, fotografias e filmes é formada por desenhos, aquarelas e pinturas a óleo em que retratou, a partir de narrativas e mitos Xetá, a vida na Serra dos Dourados (BENETTI, 2016, p.118). Com a sua morte, em 1979, o Museu Paranaense¹⁰ foi designado curador de sua coleção.

Narrativas sobre o contato: indígenas e não indígenas

As narrativas do povo Xetá sobre o contato são permeadas de situações de violência: assassinatos, doenças, chacinas, envenenamentos, fome, roubo de crianças, estupros, fugas constantes, separações, desmatamento e expulsão de seu território (SILVA, 1998). A ação do Estado e dos colonizadores, isto é, o contato atingiu de modo violento as relações familiares, territoriais, materiais e simbólicas do povo Xetá, resultando em uma profunda ruptura com o modo de vida na Serra dos Dourados.

No final da década de 1960, o povo estava reduzido a oito pessoas - Tuca, Tikuein, Kuein, ã, Maria Rosa, Ana Maria, Tiquein e Rondon Xetá. Estes foram separados e transferidos compulsoriamente pelo SPI para diferentes Terras Indígenas no interior do Paraná¹¹. Atualmente cinco dos *sobreviventes*¹² estão vivos.

Assim, a princípio, o povo Xetá teria cumprido a trajetória histórica antevista pelos teóricos evolucionistas e propagada por Fernandes (1959): a extinção. Imagem historicamente reforçada pelas agências estatais, meios de comunicação, pesquisadores e demais setores da sociedade não-indígena. Atualmente, essas agências continuam a concebê-los em referência aos traços de sua cultura material e a partir de visão estática de cultura. Congelados no tempo e no espaço, observa-se que as

¹⁰O Museu Paranaense recebeu também a doação de objetos arqueológicos e de cultura material, coletados por Ney Barreto, aluno de Geografia da UFP, que participou das primeiras expedições científicas.

¹¹Os sobreviventes transitaram entre a Terra Indígena de Marrecas (Turvo), Terra Indígena de Pinhalzinho (Tomazina), Terra Indígena de Rio das Cobras (Laranjeiras do Sul), Terra Indígena de São Jerônimo (São Jerônimo da Serra), Terra Indígena de Queimadas (Ortigueira), Terra Indígena de Rio D'Areia (Inácio Martins) (SILVA, 1998).

¹² Categoria usada por Silva (1998) para se referir as oito (08) pessoas que sobreviveram ao genocídio na Serra dos Dourados.

referências ao povo Xetá ainda se dão a partir de critérios de autenticidade e “pureza” étnica.

Como desdobramento, a imagem de povo extinto incidiu diretamente no plano dos seus direitos políticos: foram condenados ao desaparecimento, marcados pela invisibilidade e historicamente excluídos de políticas públicas, garantido constitucionalmente enquanto povo culturalmente distinto.

Contudo, nas aldeias para onde foram transferidos, os *sobreviventes* (re)constituíram sua história e suas relações com os povos Guarani e Kaingang, com quem compartilham a vida no mundo dos *brancos*. Atualmente, contabilizam aproximadamente 150 pessoas e os critérios de pertencimento e exclusão aos grupos familiares Xetá são elaborados e definidos conforme as suas lógicas de pertencimento e parentesco (SILVA, 1998; 2003). Seus representantes estão empenhados em reverter os discursos de povo extinto e, buscando visibilidade, espaços para falar de si e de se autorrepresentar, mobilizando ações para o reconhecimento de seus direitos territoriais e educacionais. Como parte de suas reivindicações às instituições públicas, está o contato com as coleções etnográficas, isto é, visitas às reservas técnicas dos MAE/UFPR e MP, bem como cópias digitais dos acervos e arquivos institucionais.

E é na relação que estabelecem com essas coleções que essa pesquisa vem sendo desenvolvida na Terra Indígena de São Jerônimo, localizada no município de São Jerônimo da Serra, região norte do Paraná. Ali vivem os filhos, as filhas, netos, netas, bisnetos e bisnetas de Tikuein – um dos *sobreviventes* (SILVA, 1998). Interessa ao trabalho suas narrativas e conhecimentos sobre os artefatos, fotografias, filmes e áudios, bem como o mundo de temporalidades e relações que revelam.

Nesse processo, as coleções revelaram a trajetória de vida e as estratégias de Tikuein Nhanguarai como articulador de memórias, conhecimentos, políticas e afetos em diferentes temporalidades, permitindo ao seu grupo familiar constituir-se individual e coletivamente, objetiva e subjetivamente (GONÇALVES, 2007, p.29) em diferentes espaços/tempos.

Aqui apresenta-se uma breve biografia de Tikuein a partir dos registros de Silva (1998; 2003) para quem narrou diretamente a sua trajetória de vida. Na interface dessa narrativa, articulam-se dados de minha pesquisa de campo, a partir da memória de seus descendentes, com quem Tikuein dividiu a vida no tempo/espaço do mundo dos *brancos* e para quem esse ancestral ocupa papel estruturante em suas relações com o passado, presente e futuro.

Tikuein¹³ Xetá: memória e afeto

Tikuein Nhanguarai, registrado José Luciano da Silva, era filho de Djarikrame¹⁴ e de Mã (Haikumbay – o caçador de antas) (SILVA, 1998). A mãe morreu quando ainda viviam no *mato*, onde sua irmã desapareceu. Ainda crianças, ele e o irmão mais velho Tikuein Gaméi - conhecido como Geraldo Brasil – teriam sido capturados por um colono¹⁵. Resgatados pelo administrador da Fazenda Santa Rosa – Geraldo foi mantido como mão-de-obra não remunerada nos serviços da Fazenda e Tikuein foi entregue ao pai (SILVA, 1998).

Além da companhia do pai, sua trajetória de vida está entrelaçada às biografias de outros *sobreviventes*, sobretudo de ã, Kuein, Tuca e Nhengo. Os dois primeiros, ainda crianças, passaram a viver no acampamento de seu pai após a morte de todos os seus parentes (SILVA, 1998). Tuca acompanhou todas as Expedições, esteve nos acampamentos no *mato* e na Fazenda. Na década de 1960, os quatro foram separados pelo SPI durante o processo de desterritorialização e permaneceram afastados por aproximadamente vinte anos.

Em 1961, Tikuein, Mã e Nhengo foram transferidos para a aldeia de Pinhalzinho¹⁶. Nesse contexto, Tikuein assumiu o papel de interlocutor entre os adultos - que nunca aprenderam o português e tinham dificuldades em compreender os novos códigos e valores do mundo dos *brancos* (SILVA, 1998, p. 82). Dessa forma, Tikuein cresceu entre as narrativas do *tempo mato* – a língua, os artefatos, a comida, as narrativas, os mitos, os cantos e as relações entre parentes: “A nossa história, eu sei todinha, meu pai contava. Cresci junto com ele, tudo que sei aprendi dele, do Nhengo e vivendo lá no mato com nossos parentes” (SILVA, 1998, p. 85). Os desafios de uma nova vida também estavam presentes em um ambiente hostil e violento – a língua, a produção agropecuária, o trabalho assalariado e as doenças.

Em 1970, Tikuein se casou com Maria Conceição Pereira Martins¹⁷, do povo Guarani, com quem teve três filhos e quatro filhas. Mã e Nhengo faleceram

¹³ Segundo Silva, Tikuein é o “termo designado para criança do sexo masculino, ligada ao interlocutor por laços de parentesco” (1998:77).

¹⁴ Kozák (1956).

¹⁵ Segundo Silva (1998) essa não seria a primeira vez que os meninos haviam sido capturados enquanto brincavam no *mato* acompanhado de outras crianças. Para Silva, Tikuein descreveu detalhadamente a captura e o resgate por parte de Adjatukã e Kuein (1998: 78-79).

¹⁶ Habitada pelo povo Guarani e localizada no município de Tomazina, região norte do estado do Paraná.

¹⁷ Na época D. Conceição já possuía dois filhos, Zezão e Nazira que consideram Tikuein como pai.

respectivamente em 1972 e 1973, e a ausência dos dois o afetou profundamente. Segundo relatou para Silva “Fiquei sozinho, se foram os últimos de minha gente. Eu pensava que só tinha eu, não sabia do Kuein, da ã e dos outros. Só muito tempo depois fiquei sabendo” (SILVA, 1998, p. 82). Para os filhos, Tikuein dizia: “eu era muito feliz no mato. Hoje não sou feliz, vivo sozinho. Perdi toda minha família” (Benedita, 2017).

Mesmo sozinho Tikuein relatou para Silva que criou estratégias para manter a memória e os conhecimentos de seu povo:

“Antes de eu saber que tinha outros vivos que nem eu, pra não esquecer minha língua e nem a história da minha gente, eu me fingia ser dois, eu era eu e era o outro ao mesmo tempo. Eu tinha um espelhinho que eu andava com ele no bolso e sempre que podia eu o pegava, me olhava dentro dele, conversava, eu e o homem do espelho, que era eu mesmo, era assim que eu praticava a linguagem e não esqueci do meu passado e da minha gente” (Tikuein apud SILVA, 1997, p. 25).

Na segunda metade da década de 1980, Tikuein envolveu-se em um conflito em Pinhalzinho e, ele e a família foram obrigados a viver por aproximadamente oito anos fora da aldeia. Quando tentaram retornar, foram transferidos pelo SPI para a Terra Indígena de Queimadas¹⁸ e, posteriormente para a Terra Indígena de São Jerônimo¹⁹.

A ausência dos parentes, o conflito, as transferências, o trabalho árduo como boia fria e a fragilidade de sua saúde²⁰ desencadearam uma profunda tristeza em Tikuein (SILVA, 1998). Nesse período conheceu Silva, à época servidora da FUNAI, que com o apoio da instituição decidiu apoiar Tikuein e organizar encontros entre os *sobreviventes* do povo Xetá. O primeiro ocorreu em 1986, no município de Londrina (Paraná), o segundo em 1989 no município de Joaquim Távora (PR) - ocasião em que conheceu dois dos *sobreviventes*, Rondon e Tiquein²¹.

No entanto, foi o *Encontro Xetá – Sobreviventes do Extermínio*²², ocorrido em 1994, na Terra Indígena de São Jerônimo, o mais significativo na memória dos seus filhos e filhas. Durante aproximadamente dez dias, o Encontro reuniu todos os

¹⁸ Terra Indígena Kaingang, localizada no município de Ortigueira, região norte do Paraná.

¹⁹ Terra Indígena Guarani e Kaingang, localizada no município de São Jerônimo da Serra, região norte do Paraná.

²⁰ Tikuein tinha a saúde frágil por conta de casos recorrentes de tuberculose.

²¹ Filhos de Aruay e Adjatukã.

²² Coordenado pela professora Kimiye Tommasino (Universidade Estadual de Londrina), contou com a parceria da FUNAI, Prefeitura Municipal de São Jerônimo da Serra e caciques e lideranças da TI São Jerônimo.

sobreviventes da Serra dos Dourados - Tikuein, ã, Tuca, Rondon, Kuein, Tiguá, Tiquein e Ana Maria Xetá, suas esposas, maridos, filhos, filhas, genros, noras, netos, netas e pessoas da comunidade. Entre as atividades coletivas, construíram uma cozinha, empreenderam caçadas, caminhadas no mato, prepararam assados de carne, tomaram banhos de rio e contaram mitos e histórias na língua Xetá. A partir do filme e das fotografias desse Encontro, observa-se que os *sobreviventes* colocam em cena elementos simbólicos do passado, isto é, da *vida do mato*. Registrado na memória de seus descendentes, o Encontro é descrito como um momento de extrema felicidade para Tikuein, representado pelo reencontro com os parentes do *tempo do mato*.

Sobre o *mato* Benedita reproduz a fala do pai: “Meu pai tinha vezes que ele chorava. Ele começava a falar e chorava. Dizia, “eu me arrependo tanto, deles terem me conhecido, de eles ter tirado eu do mato, eu era feliz” (2017). Nas falas de Tikuein observa-se que ele relaciona o ser/estar *feliz* com um tempo/espaço de relações entre parentes. Contrapõe-se nas suas narrativas, a vida no tempo/espaço do mundo dos *brancos*, o ser/estar sozinho, *triste* e doente - o mundo sem parentes.

Após o reencontro, Tikuein também elaborou para Silva um desejo para o espaço/tempo futuro: “Um dia, quem sabe, a gente se junta de novo! Nem que seja nas nossas lembranças” (SILVA, 1998, p. 84). Ou seja, a *vida no mato* entre parentes idealizada em sua memória como o espaço/tempo *feliz* é também seu projeto para o futuro. Dessa forma, na relação entre memória e afeto Tikuein elaborou noções de temporalidade, isto é, passado, presente e futuro.

Como projeto de futuro, após esse Encontro, os *sobreviventes* iniciaram a luta pela demarcação de um território denominado Herarekã Xetá, localizado entre o Córrego 215 e Córrego Tiradentes, isto é, sobre o território em que viviam os *antigos* que estabeleceram contato com a Fazenda Santa Rosa (RI Herarekã Xetá, 2013, p. 01)²³. Nesse processo, os dois principais articuladores da reivindicação - Tikuein (2005) e Tuca (2007) - faleceram. Seus descendentes assumiram a luta pela demarcação do território e atuaram na fase final do Relatório de Identificação. Desde então, como nova liderança Xetá vêm somando esforços para garantir seus direitos territoriais, constitucionais e políticas públicas educacionais específicas para o seu povo.

²³ A Terra Indígena Herarekã Xetá foi identificada em 2014.

Atualmente, Dival e Claudemir, filhos de Tikuein, concebem a luta pelo território como uma coisa *deixada pelos dos antigos*²⁴. Como sua, assumem as reivindicações pela educação. Dizem: “a luta dos antigos era pelo território, a nossa é pela educação” (Claudemir, 2017). Não se trata com isso de que tenham abandonado o desejo de retornar ao território. Ao contrário, o retorno à Serra dos Dourados persiste como o modelo de vida *feliz*, idealizado nas narrativas do pai: o lugar de fartura, parentes e afetos.

Nas narrativas de seus descendentes, Tikuein surge como *professor* empenhado em transmitir em todos os contextos e espaços possíveis, a memória, a história e os conhecimentos da vida dos *antigos no tempo do mato*: no cotidiano da vida familiar; durante os períodos prolongados de trabalhos nas fazendas - que agora realizava acompanhado dos filhos; como também em momentos específicos, tais como no processo de constituição da liderança política.

Seus filhos e filhas dizem que o pai *deixou* para cada um/uma conhecimentos específicos. Para Dival, o mais velho, *deixou* as histórias; para Claudemir *deixou* os conhecimentos da língua, dos cantos e da liderança política; para as mulheres *deixou* os conhecimentos do trançado – durante trabalho de campo foi observado que também transmitiu às mulheres conhecimentos sobre as plantas. Seus descendentes se dizem os *guardiões* dessas histórias e conhecimentos e, segundo Benedita, seu pai dizia: “uma hora vocês vão precisar dessas histórias” (Benedita, 2017).

Na contemporaneidade reconhecem objetivamente que precisam de suas histórias. Dival assumiu a liderança política de seu grupo familiar e a presidência da Associação Indígena da Etnia Xetá (AIEX), após o irmão mais novo sofrer um acidente. A partir desse novo lugar, tornou-se responsável por organizar os *trabalhos* que envolvem o seu povo. Como *trabalho*, seu grupo familiar concebe as ações contemporâneas, reivindicações do território e educação, elaboração de projetos e produções, participação em reuniões e viagens com os quais o povo Xetá se faz representado. Entre os *trabalhos* futuros que a Associação pretende desenvolver está a construção, no interior da aldeia, de um Centro Cultural, espaço pensado como um lugar destinado a exposições, produção e venda de artefatos, realização de eventos e festas, como também para receber e alojar visitantes e pesquisadores.

²⁴ *Antigos* é a categoria que utilizam e que engloba todos os parentes que viviam no mato e os sobreviventes.

Nesses *trabalhos* estão articulados, sobretudo, os conhecimentos *deixados* pelo pai e estão em busca de cópias de documentos, livros, CDs, DVDs, pen-drive e todo e qualquer material relacionado à história, a memória e conhecimentos dos *antigos no tempo do mato*. Ou seja, nesse contexto, os acervos e arquivos etnográficos assumem um papel central.

As narrativas de Tikuein e todo o material dos *antigos* permeiam de diferentes formas a vida contemporânea do povo Xetá permitindo-lhes dinamizar a vida social. Em um dos filmes produzidos como atividade do GT *Jané Rekó Paranhá – o contar de nossa existência*²⁵ seus descendentes encenam, no interior da aldeia de São Jerônimo, caminhadas no mato, a construção de um *tápuj* (casa) e armadilhas de caça. Pintados, entoam o canto do urubu, carregam arcos, flechas e machados de pedra. Durante banho de rio, reproduzem o ritual de iniciação dos meninos Dival afirma: “estamos ‘simulando’ beber a bebida de erva mate –kukuaj”.

Quanto a esta atividade D. Xetá explica:

“Tivemos uma oficina na Universidade Estadual de Maringá e me ocorreu, com meus irmãos, fazer esse trabalho aqui no mato, mostrar um pouco da nossa cultura na qual meu pai repassou para nós e como que fazia. Então o pouco que nós aprendemos, hoje nós estamos exercendo ela, para nós fazer um pouco do trabalho, para mostrar porque até então a nossa nação tá com pouca gente, como se diz em extinção, mas hoje estamos em 45 famílias. Hoje estamos reunidos para mostrar um pouco da cultura, a qual meu pai, quando ele vivia no mato, ele fazia esse tipo de coisa. É a sobrevivência deles, como eles viviam no mato. Então ele repassou alguma coisa para nós e é o que nós estamos fazendo aqui hoje. E a gente vai dar o máximo da gente para ficar arquivado na memória também dos nossos filhos que estão aqui, e no futuro a geração seguinte venha a ter conhecimento também do que nós tivemos” (2013).

Esses *trabalhos* lhes garantem visibilidade e a possibilidade de dialogar politicamente com diferentes interlocutores, como agências estatais, universidades e pesquisadores. A partir da categoria, encontram sentido na fala do pai: “precisamos de

²⁵ Entre instituições parceiras envolvidas no GT destacam-se: Secretaria de Estado da Educação do Paraná/Departamento da Diversidade/Coordenação Educação Escolar Indígena; Secretaria de Assuntos Estratégicos do Estado do Paraná; IPHAN; MEC; FUNAI; Laboratório de Línguas Indígenas/UnB; Museu Paranaense; MAE/UFPR; Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história/UEM; UFMT. A partir da constituição do GT uma série de ações, pesquisas e publicações foram desenvolvidas entre os anos de 2009 e 2013.

seus conhecimentos”, para (re)afirmar constantemente que “estamos vivos, não somos uma história” (Claudemir, 2017).

Tal como o pai, estão empenhados em *deixar* memórias e conhecimentos para as gerações futuras. *Deixar* implica em fazer como Tikuein, isto é, atualizar a memória dos *antigos no tempo do mato*. Desse modo, além de filmes, seus descendentes estão a produzir artefatos representativos desse espaço/tempo tais como machados de pedra, bichinhos, brincos, armadilhas, bebidas, comidas, colares, histórias, fotografias, encontros, materiais pedagógicos, etc.. Em outras palavras, estão a fazer relações, memória e afetos. Dessa forma, percorrer os caminhos da *vida dos antigos no mato*, parece ser bem mais do que momentos de objetificação social do passado.

Ao rememorar as narrativas do pai e em contato com os arquivos e acervos etnográficos dos museus, seus descendentes revelam os anos em que compartilharam cotidianamente a vida ao lado de Tikuein. Suas alegrias, os almoços familiares, as viagens ao lado do pai, o afeto pelos netos e netas, os artefatos produzidos e os conhecimentos transmitidos. As suas tristezas, a sua doença, a sua morte e a ausência do pai. Desse modo, a lembrança de Tikuein e o contato com fotografias, filmes, áudios e documentos dos *antigos* é marcado pela emoção, ora pela alegria e euforia, ora pela tristeza, pelo silêncio e pelo choro. Ou seja, a memória de Tikuein e as coisas desse espaço/tempo lhes afeta de forma vital e lhes permite mudar o seu estado de espírito (MOUTU, 2007) produzindo emoções e afetos.

Em suas casas, objetos pessoais de Tikuein – tais como fotografias, roupas, anéis, artefatos, cópia da dissertação de mestrado de Silva (1998) - do qual o pai foi interlocutor e de quem se tornou amigo - são guardados afetuosamente na forma de *reliquias*. Às suas *reliquias* vão sendo incorporados os acervos repatriados digitalmente pelos museus e pesquisadores. Se os *trabalhos* estimulam a circulação desses objetos, quando recebidos pessoalmente são guardados e subjetivados, na medida em que materializam um elo com o pai e com os *antigos*.

Dado o aqui exposto, observa-se que a conexão com a memória Tikuein e do mundo dos *antigos* os insere em um contexto de relações afetivas e subjetivas, e revelam-se como mediadores de diferentes espaços/tempos. Como mediadoras desses contextos, instauram uma lógica constitutiva para a vida Xetá ao reintegrar o tempo em suas relações - interrompido bruscamente pela violência do contato. Ou seja, a memória de Tikuein e as suas coisas impactam sobre seus descendentes na medida em que lhes permite *deixar* relações, memórias e afetos para as gerações futuras.

Bibliografia:

- Appadurai, A. (2008). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da UFF.
- Benetti, R. C. (2016). *Vladimir Kozák*. Sentimentos e ressentimentos de um “lobo solitário”. Curitiba: SAMP.
- Fabian, J. (2013). *O tempo e o outro*. Como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes.
- Faustino, R. C.; Chaves, M.; Silva, C.; Silva, J. C. (Org.) (2013). *Jané Rekó Paranoá: Narrativas Xetá*. Maringá: Eduem.
- Fernandes, J. L. (1959). *Os índios da Serra dos Dourados: os Xetá*. In: Reunião Brasileira de Antropologia. 3^a., Recife: Anais. p. 27-46.
- Gonçalves, J. R. (2003). O patrimônio como categoria de pensamento. IN: Abreu, R.; _____ (2007). *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Coleção Museu, Memória e Cidadania.
- Kozák, V. (1981). *Os índios Héta: peixe em lagoa seca*. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense: Curitiba, v. 38, p. 11-120.
- Laming-Emperaire, A.; Menezes, M. J.; Andreato, M. D. (1978). O Trabalho da pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados, Estado do Paraná. *Coleção Museu Paulista: série ensaios*. São Paulo: Museu Paulista, n.2, p. 19-82, 1978.
- Loukotka, C. (1960). Une tribu indienne peu connue dans létat brésilien Paraná. *Acta Ethnographica*. Budapeste: Academiae Scientiarum Hungaricae. Tomus IX, Fasciculi 3-4.
- Mota, L. T. (1998). *O aço, a cruz e a terra: índios e brancos no Paraná provincial 1853-1889*. Assis: Unesp. (Tese de Doutorado).
- _____. (2013). *Os xetá no vale do Rio Ivaí 1840-1920*. Maringá: Eduem.
- Moutu, Andrew (2007). Collection as a way of being. In: HENARE, Amiria et al. *Thinking through things: theorizing artefacts ethnographically*. London/New York: Routledge. p. 92-112.
- Rodrigues, A.D. (1978). A Língua dos índios Xetá como dialeto Guarani. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. São Paulo: s.ed., n.1, p. 7-11.
- _____. (2013). *Cadernos de campo Xetá*. Maringá: Eduem.
- Silva, C. L. (1998). *Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá*. Florianópolis: UFSC. (Dissertação de Mestrado).
- Silva, C. L. (2003). *Em busca da sociedade perdida: o trabalho de memória Xetá*. Brasília: UnB. (Tese).
- Velthem, L (2012). O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan.-abr.